

## **AS CONJECTURAS METAFÍSICAS NO CULTURALISMO DE MIGUEL REALE**

*Ronaldo Pimentel*

Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas

“Paulino Soares de Sousa”, da UFJF.

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG.

[pimentelrp@yahoo.com.br](mailto:pimentelrp@yahoo.com.br)

### **1. Introdução**

O texto trata da conjectura, que é de ordem metafísica, e a liberdade. A metafísica já havia sido tratada pelo autor no livro *Experiência e Cultura*<sup>7</sup>; e figurava como um limite para a *Ontognoseologia*. O livro *Verdade e Conjectura*<sup>8</sup> desenvolve de modo mais claro o seu pensamento metafísico e sua relação com o universo da cultura, que tem como principal motor a liberdade do homem de poder realizar as conjecturas e atualizar valores.

<sup>7</sup> REALE, M: *Experiência e Cultura: Para a Fundamentação de uma Teoria Geral da Experiência*, São Paulo, SP, 1977, Ed. Grijalbo – EDUSP

<sup>8</sup> REALE, M. *Verdade e Conjectura*, 2ª Ed., Lisboa: Fundação Lusíada, 1996 pág. 37

## 2. Desenvolvimento

### 2.1. As Conjecturas

O universo da cultura de funda na complexa relação dialética, complementar e perene *eu-mundo*, cuja interpretação do mundo é dada de maneiras distintas através dos tempos e a metafísica aparece ao longo dos ciclos culturais como uma “*cogitação constante no envolver histórico*”<sup>9</sup>. A metafísica é um tipo de cogitação ou conjectura e Reale mostra o quanto é útil para nós a existência do pensamento metafísico – isso se confirma porque o homem, no mais das vezes, se conduz por conjecturas –; essas não devem ser subestimadas na busca de um conhecimento científico e filosófico subordinado à Lógica do estudo sistemático as conjecturas estão ligadas à dialética de complementaridade *eu-mundo*, tanto intelectual quanto objetiva.

As conjecturas “*ocupam os vazios do conhecimento*”, seja no campo da ciência, seja no campo cotidiano, elas estão para os processos cognitivos de um modo complementar e, além do campo filosófico se estendem ao *mundo da vida* na medida em que mantenham a sua validade quase que pragmática. Isso faz com que a conjectura tenha um aspecto de ser capaz de produzir discurso crítico e não somente de subjacente à qualquer outro tipo de discurso, e há uma “*validade em si*” tanto no *mundo da vida* quanto no mundo científico. Vê-se assim, que tanto o discurso científico quanto as conjecturas estão relacionadas numa dialética de complementaridade para a construção do homem.

São experiências metafísicas aquelas que o indivíduo se relaciona com o Ser em si. O Ser é aquilo que pode ser concebido em aspectos mais gerais e indistintos, não é um “*objeto possível*”, porque não há possibilidade que conhecimento do Ser, esse está anterior a qualquer possibilidade, ele é a totalidade de possibilidades. Mas dado que a Metafísica é também uma experiência mas que não gera conhecimento, ela está baseada na distinção entre o que se experiencia e o experienciador, que é o sujeito e

<sup>9</sup> REALE, M. *Verdade e Conjectura*, 2ª Ed., Lisboa: Fundação Lusíada, 1996 pág. 110

prevalecendo a existência da dialética da complementaridade aqui. Como a Metafísica é uma experiência subjetiva, é uma investigação metafísica as investigações sobre a existência pois a existência revela muito sobre o comportamento do sujeito ao entrar em contato com o Ser.

E é totalmente legítimo na investigação sobre a existência a influência da cultura e, antes dela, as condições em que se dá na cultura a busca de uma metafísica. É fato que ela surge em momentos que o homem se vê envolto a indagações pelos próprios fatos e nas condições de conhecimento dos próprios fatos por uma ciência e, como esse tipo de pergunta não é de nenhum modo fatural e sim teórica, não se funda num único aspecto do conhecer, mas na própria metafísica.

Em Reale, a metafísica é caracterizada como um “*pensamento problemático*” pois nela está contida perguntas cuja saída se mostra indecível. Tais problemas são, pela sua leitura de Kant, liberdade, Deus e finitude. Segundo Kant, o conhecimento em que o pensamento se baseia é denominado problemático porque as suas aporias não são postas de modo a contrariar a sua necessidade lógica. E por sua necessidade não são sujeitos à possibilidade. Disso se conclui que das entidades problemáticas não podemos ter conhecimento algum, elas dizem respeito às questões éticas e da busca de unidade do conhecimento.

Mas Reale caracteriza em Kant, ainda, a existência de duas metafísicas. A metafísica positiva e a negativa. A primeira diz respeito à Teoria do Conhecimento e a segunda é a metafísica conjectural. Nessa duas prevalece a razão, que possibilita o pensamento e o conhecimento, esse, necessita da experiência cognitiva, de uma racionalidade metódica que engloba o esquematismo transcendental. Quanto ao pensamento, é possibilitado pensar as coisas em si racionalmente, e o limite lógico imposto a esse tipo de pensamento humano não se baseia no compromisso da experiência cognitiva. Esse é o campo da razão especulativa, ilimitado em suas pretensões, ao passo que a razão disposta a conhecer deve se posicionar ao lado dos limites do experienciável. Assim, as conjecturas não são dadas ao acaso, possuem um fundamento na natureza humana e até em coerência com o fatural no sentido de o

complementar ou ir além dele.

Reale, agora indo além de Kant no pensamento problemático, coloca a conjectura como pensamento necessário e, além disso, sintetizador, à procura de algo além do verificável, que parte desse mas que numa transcendência se põe a solucionar aquilo que não foi posto de modo positivo, é nesse sentido que a conjectura é uma solução plausível a um problema insolúvel analiticamente, ou cognitivamente, ligado inevitavelmente à percepção do Ser, que é ao mesmo tempo indeterminado e vago. A conjectura não joga fora o aspecto da experiência ontognoseológica como se fosse a sua própria negação, mas no aspecto complementar, essa experiência baliza a transcendência das investigações da experiência. Tal investigação pode ser resumida na seguinte passagem:

Na conjectura a razão, aliada à imaginação criadora, visa ir além da experiência, formulando suposições plausíveis porque fundadas na experiência, e jamais em contradição com ela, a fim de responder a perguntas que emergem necessariamente da experiência mesma, o que a faz parecer, em relação a esta, um pensamento paralelo e metafórico.<sup>10</sup>

Concluimos assim que o único limite que cabe ao pensamento conjectural é a necessidade lógica e que na busca do infinito desafia as nossas limitações ontognoseológicas. Mas a conjectura não pode ser tratada como algo que começa pelas limitações ontognoseológicas. O problema da metafísica é indistintamente o Ser. Cabe à Metafísica investigar os limites ontognoseológicos. Esse tipo de percepção intelectual faz da verdade algo como que imposto à consciência pela sua necessidade, mas é isso que Reale também procura colocar entre parênteses que é a noção de pensamento intuitivo perceptual, a intuição é um caniço fraco para dar conta de todo tipo de pensamento humano. Sem excluí-la, Reale admite que a verdade necessária assim como a verdade da experiência ontognoseológica fazem parte do que é constitutivo do ser humano. Novamente, Reale evoca Kant e mostra a importância da Metafísica para o pensar cotidiano, ora, a razão prática é conjectural e problemática e diz respeito aos fundamentos últimos do para quê da existência humana e seu dever ser coerente.

---

<sup>10</sup> REALE, M. *Verdade e Conjectura*, 2ª Ed., Lisboa: Fundação Lusíada, 1996 pág. 37

## 2.2. Ciência, liberdade e conjecturas

No que diz respeito às ciências, são um saber crítico e definido que nasce no modo pelo qual o espírito direciona ao objeto num ato intencional. Daí, o espírito pode enviar ordens pela abstração e toda ciência fundada num ato cognoscitivo possui um fundamento ôntico que capta uma essência específica. Desse caminho, Reale passa a indagar sobre em que realidade fundante as ciências se apóiam. Na incompletude do discurso científico, a visão dessas regiões ônticas de onde brota a ciência mostram dois caminhos contidos numa metáfora perceptual. Um é o que a ciência consegue enxergar e realiza demonstrações partindo do que é possível ela enxergar, outra é a pura escuridão não determinada e que é material para o que se pode chamar de “*infinitamente determinável*”. O Ser é infinitamente determinável pois no nosso campo perceptual ele sempre escapa ao limite da experiência ontognoseológica, um “*limite negativo*”.

O Ser é aquilo que não é um ente determinado mas se torna ente quando adquire significado e é passível de predicação. Toda predicação pressupõe o Ser e que é o Ser que vai do indeterminado ao *determinado concreto*. Assim, toda ciência do Ser não é nada mais que uma ciência do Ser entificado ou cognoscível. É nesse sentido que Reale traça uma “*linha prospectiva do pensamento*” onde o Ser surge como um “*pressuposto último cognoscível*” no sentido de estar sempre disposto à determinação e nunca na totalidade do determinado, assim, o Ser é uma *assunção conjetural*, pressuposto pelo pensamento já que toda predicação pressupõem o Ser e não se chega ao Ser sem o uso do logos, pois nele está contida as verdades necessárias. A questão pelo Ser evoca ainda aquele que fez a pergunta, o seu lado emocional. O *Dasein*, o único ente privilegiado pela pergunta pelo Ser se angustia quando percebe que o nada é o seu limite, é isso que traz à metafísica as questões existenciais do homem, consciente da sua finitude, de suas limitações cognoscitivas dadas pelo fenômeno e o assombro deixado pelo contato com o absoluto e inexprimível que ainda lhe envolve em mistérios

e questões de fé. Reale se afasta de Heidegger ao dizer que a pergunta pelo Ser ainda necessita do sujeito e que tal perquirição só seria possível se houvesse uma relação de co-implicação entre sujeito e objeto.

Nesse sentido, cabe-se perguntar pelo papel do sujeito numa investigação de tipo ontológico. Aqui, tanto os aspectos existenciais quanto os que se referem aos aspectos da criatividade entram em jogo. A criatividade é constitutiva do Ser, da liberdade e do valor; esse último é a relação entre o Ser e o Dever-ser, que são categorias distintas relativas ao sujeito em experiência. Os valores são entidade autônomas que indicam o caminho a seguir, estão relacionados mais com o agir do que propriamente com uma realidade ideal, e esses dizem respeito ao mundo da cultura. Assim, a cultura funda-se no valor.

O valor é responsável pela determinação ôntica ou o *ser* das coisas, onde um juízo lógico que diz respeito ao *ser* passa a ser um juízo de valor, esse é o seu aspecto ôntico – ex.: uma estátua é uma obra que está além do bronze que a constitui. Há ainda outros dois aspectos do valor: o gnoseológico e o teleológico. Quanto ao gnoseológico, indicam como os seres tornam-se cognoscíveis e se tornam cognoscíveis somente com a existência do valor, é o caso de investigações como a ética e a estética. O aspecto teleológico envolve o meio o o fim, é quando alguém pratica uma ação, está atualizando um valor. Todos os três simultaneamente constituem a cultura.

A Metafísica deve ver no valor uma importante fonte de estudo e que revelaria a cultura humana como uma atividade intencional da consciência. A atualização em seus diversos modos mostra a atividade sintetizadora do espírito humano, pois esse a cada momento interpreta o valor e o liga aos outros valores e que por vezes revela um novo valor, isso é inseparável da sua consciência histórica revelada em aspectos concretos. Valores revelam muito sobre o homem porque apresentam o seu dever, o homem é o único ser que o seu *ser* é o *dever-ser*, mostra com isso também, como o homem lida com os seus objetos culturais e neles outorgam sentido pela consciência intencional e valorativa ao mesmo tempo. Os valores, também, revelam muito do aspecto existencial do ser humano – e, também, aspectos existenciais da cultura –, pois a pesquisa

valorativa leva-nos à sua subjetividade ou consciência intencional, em que a abertura depende muito do estado de ânimo daquele que atualiza um valor.

Até aqui, mostramos a validade de uma conjectura e como que os valores fundam a cultura e o aspecto subjetivo que o valor suscita. Assim, um valor pode estar ligado ao sentimento de absurdo ou algum tipo de fenômeno existencial quando o homem se depara com aquilo que não é determinado pelos seus meios finitos. O valor então, modifica-se e mesmo assim não deixa de ser válido, pois em toda história da cultura humana o que observamos é sempre uma verdade sendo substituída por outra verdade mais conveniente às circunstâncias. A mudança de valores e sua adaptação não é mais do que o caráter de liberdade do espírito humano que faz com que a mudança seja proposta e atualizada de modo a se tornar plausível e tudo isso dentro da cultura, é assim que avança a cultura e a própria ciência como um produto cultural delimitado pelas metodologias que um ciclo cultural põe como válida.

Podemos ter como exemplo a metodologia científica que é um bem cultural. É nesse aspecto que uma metodologia científica leva em conta a liberdade do espírito humano e é pela liberdade do espírito que ocorre as mudanças de uma metodologia e conseqüentemente de uma ciência. Reale mostra que isso é possível através da modalidade apresentada por Gonseth, que possui quatro etapas distintas: (1) Observação do fato que se transforma em problema solúvel ou não ao sistema já estabelecido; (2) hipótese explicativa ao problema proposto, muitas vezes essa hipótese é uma conjectura; (3) prova, fase complexa que envolve a comprovação da hipótese; (4) integração da hipótese provada ao sistema estabelecido. Nesses quatro passos, é na hipótese que o papel da liberdade do espírito se faz presente porque é lá que a criatividade humana se revela na solução do variados problemas. Essas ainda não são conjecturas metafísicas, as conjecturas metafísicas exigem um estado de ânimo distinto daquele que leva ao ato intencional da prova ou demonstração, elas são necessárias, e para serem aceitas, somente necessitam da convicção do sujeito, muitas dessas conjecturas dizem respeito ao infinito e a sua totalidade e que até hoje são problemas insolúveis aos matemáticos, por exemplo:

A totalidade nos escapa, por ultrapassar os limites de nossos poderes cognoscitivos. Donde a conclusão lógica de que, quando é apresentada apodidicamente uma solução como sendo correspondente à totalidade, ela não é mais que uma simulação de integralidade, forjada graças ao agigantamento artificial *ad infinitum* de um aspecto parcial qualquer do natural ou do humano.<sup>11</sup>

A liberdade de espírito funda a *imaginação criadora* e essa está lado a lado com as invenções científicas, e assim, a liberdade não é um caso a ser tratado somente pelo campo prático mas também no campo teórico de fundamentação do conhecimento e do saber científico: “*Chegamos, dessarte, à conclusão de que a liberdade deve ser admitida como pressuposto tanto da vida teórica quanto da vida prática.*”<sup>12</sup> Como a liberdade é um dever-ser, as hipóteses criativas que os cientistas utilizam são hipóteses baseadas no processo axiológico do dever-ser porque a liberdade de espírito é também um valor que guia a todos os outros valores; é na liberdade que se encontram a lógica, a metafísica e a ética.

A liberdade, também, ao se deparar com as escolhas que a finitude da condição humana nos impõe, dá início a uma série de sucessões causais que adquirem uma forma lógica. Cada escolha dessas implica novamente em uma análise dessa escolha, o que gera na moral o aperfeiçoamento da ação. Funda-se na liberdade também os aspectos existenciais do homem pois como um ser que também é dever-ser, é aquele que é capaz de compreender a si próprio como um ser de ideais e de fins que se abrem em sua finitude como também é fundada na liberdade a existência das várias teorias divergentes e suas respectivas hipóteses explicativas.

Devemos pensar o sujeito como sendo historicamente situado e o sentido da história determina o relacionamento entre sujeito e objeto. Assim, a ação do sujeito é determinada pela cultura de seu tempo, e até mesmo os seus pensamentos pois o pensar já é um ato intencional da consciência ou um direcionamento a um objeto. O objeto pensado mostra-se de um determinado modo na ação e, o sujeito, a cada momento que age em busca do objeto pensado, abre novas perspectivas de ida ao objeto. Isso atualiza

---

<sup>11</sup> Cf *supra* p. 114

<sup>12</sup> Cf. *supra*, p. 80

a cultura pelos valores e se fundamenta na liberdade individual. Conseqüentemente, o sujeito que age está sempre objetivando algo e, desse modo, a cultura também se mostra como algo objetivo ou de conteúdo ontológico inseparável do seu componente subjetivo.

A objetivação é uma tarefa comum a todos os seres humanos, ela produz também uma intersubjetividade no mundo da cultura, essa é de caráter transcendental. Assim, da relação entre o indivíduo e o todo que o representa na intersubjetividade transcendental, nasce o conceito de pessoa. A pessoa é o indivíduo que aparece em um meio social e é o modo como ele se comunica com os outros de sua comunidade. Assim, a cultura é fundada num ato intencional e significativo de objetivação perene, isso pertence a todos os homens e funda a “*novas formas de saber e agir*”. Surgem as inovações da *imaginação criadora*, novas possibilidades são criadas, e é nesse sentido que o próprio homem ultrapassa as suas limitações naturais e ao mesmo tempo valoriza os bens culturais já herdados e os transforma em novos bens. Toda inovação produzida por esse mecanismo sempre levará em conta a existência do sujeito objetivante e o *infinitamente determinável*, causador da desproporção existente entre o finito humano e o infinito do mundo real, ou a correlação entre o sujeito e o objeto. A metafísica, um corpo de conjecturas, é resultante da dialética de complementaridade entre o sujeito e o objeto, é “*o ponto culminante de nossa meditação ontológica sobre a insuperável relação eu-mundo, ou, que vem a dar no mesmo, espírito-natureza*”<sup>13</sup>.

O sentido global da história, não em seus acontecimentos particulares, constitui também um tipo de conjectura metafísica, tais como aqueles que atribuem à Deus esse sentido, os que pensam que há uma força que a determina, os que apontam tanto a liberdade como o acaso assim como o destino como os juízes de todo o tempo histórico. Esse sentido histórico é também o sentido da vida humana, um ponto que explique a existência do homem e a sua liberdade, o que resulta é que a história é vista como a realização de sua liberdade. As conjecturas metafísicas estão presentes nos pensamentos de fim da história, seja o de cunho kantiano seja o materialismo de Karl Marx, que, como afirma Reale “*não são construções cerebrinas, mas antes resultados de um*

---

<sup>13</sup> Cf *supra*, p. 97

*complexo poderoso de fatores culturais, em cujo bojo o pensador se situa com a sua própria e irrenunciável personalidade, seu código vital de preferências e prioridades.*<sup>14</sup>

As conjecturas metafísicas são aquelas que coroam todo um sistema de pensamento de determinada época, assim é o caso em que uma conjectura válida é aquela que se soma a uma estrutura de verdade e de interpretação de mundo pelo homem. Quando tal sistema não dá mais conta, é substituído por outras conjecturas e também por outros resultados científicos conseqüentes, é o caso que ocorreu com a ruptura do pensamento ptolomaico e a adoção da cosmovisão copernicana. Nesse momento, uma estrutura metafísica ruía para dar lugar a outra mais interessante àquele tempo.

Também, a metafísica caracteriza-se hoje pela reflexão do mundo da vida pois todos nós estamos imersos no mundo da vida, desde o homem comum da rua até o cientista ou artista mais genial, o que confere não somente ao cientificismo ou ao pensamento reducionista o campo de atuação da liberdade humana, que antes é um ser vivo que se descobre vivendo sua cotidianidade e essa em cada vez mais erigido profundas reflexões filosóficas que coloca a hermenêutica e a fenomenologia como uma poderosas ferramentas na descoberta do ser humano, o mundo da vida e a liberdade. O momento quando o homem se defronta com o indeterminado assume o caráter de conjecturas inclusive metafóricas além das hermenêuticas, no estudo dos mitos pelo ponto de vista fenomenológico; na filosofia da matemática como em Gödel e Goldbach e a lógica paraconsistente de Newton da Costa. Já na religião, ambas, religião e metafísica, têm seus contatos quando o indeterminado se transforma em mistério de fé, não são totalmente compatíveis, pois as verdades em que aderimos completamente pela metafísica não são questões de fé.

### **3. Conclusão**

Podemos concluir que as conjecturas são um tipo de pensamento que sempre acompanhou qualquer tipo de pensamento humano como as ciências exatas, a religião e a vida cotidiana. E, além do mais, a moral e a reflexão sobre a existência humana.

---

<sup>14</sup> Cf. supra p. 112

Observamos, também, a convicção de Reale de que o homem tem como ser o seu *dever ser*, ora, o principal componente deste é a liberdade antes de mais nada e tudo o mais se funda nessa liberdade humana, ou seja, o encontro com o *infinitamente determinável*.

## **BIBLIOGRAFIA**

REALE, M: *Experiência e Cultura: Para a Fundamentação de uma Teoria Geral da Experiência*, São Paulo, SP, 1977, Ed. Grijalbo – EDUSP

REALE, M. *Verdade e Conjectura*, 2ª Ed., Lisboa, 1996, Fundação Lusíada

REALE, M. *Introdução à Filosofia*. 3.Ed. São Paulo, 1994, Ed. Saraiva